

# Por um modelo unificado da cognição discursiva\*

*Paulo Eduardo Lopes*

## 1- Introdução

Algumas tentativas têm sido feitas, recentemente, de sistematizar as aquisições teóricas dispersas nos trabalhos dos semióticos greimasianos acerca dos elementos enunciativos do discurso, no rumo de um modelo unitário e coerente como o que já se logrou elaborar para a descrição do enunciado. Há, inclusive, propostas que querem ver as estruturas da enunciação tratada de modo análogo às do enunciado: Barros<sup>(1)</sup>, por exemplo, retomando idéias lançadas por Hammad<sup>(2)</sup>, esboça uma análise das *estruturas narrativas da enunciação*, atribuindo diferentes *papéis actanciais* às suas instâncias, segundo, ao nível das suas *estruturas discursivas*, a enunciação seja tomada como a realização do *tema da produção* ou do *tema da comunicação* do enunciado-discurso.

Sem pretender estender-nos, aqui, sobre as possibilidades e os problemas abertos por tais propostas, reteremos alguns de seus pontos para enfocar as funções enunciativas desempenhadas, nos limites do enunciado, pelas instâncias da *dimensão cognitiva*.

---

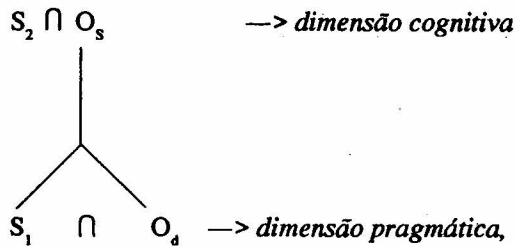
(\*) - Resumo parcial do Capítulo IV da dissertação de mestrado *A condição humana. Estudos de semiótica da enunciação em Magritte*, defendida em setembro de 1989, na Escola de Comunicações e Artes (ECA-USP).

## 2- A dimensão cognitiva na teoria-padrão greimasiana

A estrutura cognitiva elementar tem sido descrita como a relação entre um sujeito e um objeto de conhecimento, estabelecida pelo enunciado:

$$S \cap O$$

Greimas e Courtès (3) reconhecem, ainda, que a *dimensão cognitiva do discurso*, constituída pela integração desses enunciados elementares, pressupõe necessariamente a existência de uma *dimensão pragmática*, que lhe serve de *referente interno* e à qual é *hierarquicamente superior*. Com isso, consolidou-se na teoria padrão o seguinte esquema do enunciado cognitivo mínimo:



onde:

$S_1$  = sujeito de estado / de fazer pragmático;

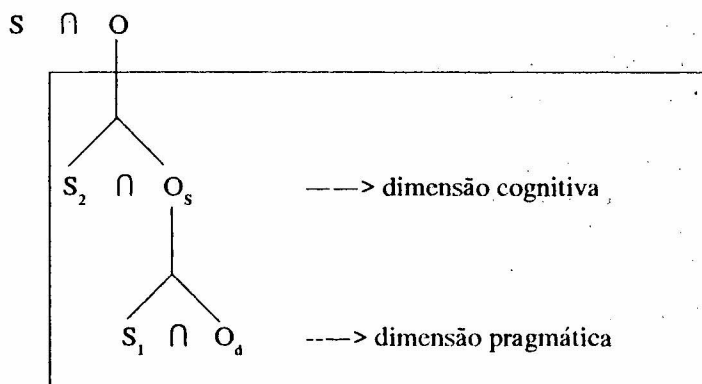
$O_d$  = objeto-valor descritivo;

$S_2$  = sujeito cognitivo;

$O_s$  = objeto-valor de conhecimento.

A partir dessa concepção, as pesquisas levaram a distinguir-se diversos tipos de sujeitos cognitivos, de acordo com os papéis temáticos manifestados no discurso: informante, narrador, narratário, observador, etc. Os vários sujeitos

cognitivos seriam encarregados da construção do saber discursivo, desempenhando, no que tange à dimensão cognitiva, as funções atribuíveis, em última instância, a enunciador e enunciatário -- respectivamente, destinador e destinatário implícitos da enunciação:



onde:

S= sujeito da enunciação (enunciador/enunciatário)

O= enunciado-discurso

### 3- Avaliação

A nosso ver, o principal problema suscitado pela multiplicação dos sujeitos cognitivos a que levaram as pesquisas está em que tal fato - que corresponde a um refinamento dos instrumentos descritivos da cognição discursiva - não se fez acompanhar, até agora, de um esforço de sistematização que fosse capaz de articular os diferentes papéis temáticos entre si. Em outros termos, pode-se fazer o inventário das várias instâncias cognitivas presentes em dado discurso, mas fica-se sem saber exatamente como esse amontoado de intermediários pode construir outra coisa que não um amontoado de conhecimentos díspares. Ademais, todo trabalho descritivo assim formulado corre o risco de contaminar-se com as peculiaridades do discurso tomado por objeto, generalizando o que não é senão particular (e vice-versa) (4). Buscando contornar esses problemas, faremos uma rápida reflexão sobre a *natureza temática* da dimensão cognitiva.

## 4- Os níveis cognitivos

Como já deixamos registrado, Barros sugere que a enunciação pode ser contemplada como uma configuração que subsume dois percursos temáticos complementares: o de *produção* e o de *comunicação* do enunciado-discurso. Se considerarmos, em seguida, que a dimensão cognitiva é uma das componentes da esfera enunciativa (assim como haveria uma dimensão pragmática e uma dimensão patêmica da enunciação), parece lícito afirmar, analogamente, que *todo ato cognitivo pode ser descrito como a produção e a comunicação de um saber*. Assim, as diversas instâncias cognitivas seriam classificáveis segundo a natureza temática do saber: o sujeito observador, por exemplo, encarregar-se-ia de produzir conhecimentos; o sujeito informante, bem como o sujeito narrador, estaria incubido de **comunicar** conhecimentos.

Algumas consequências dessa classificação podem ser imediatamente extraídas:

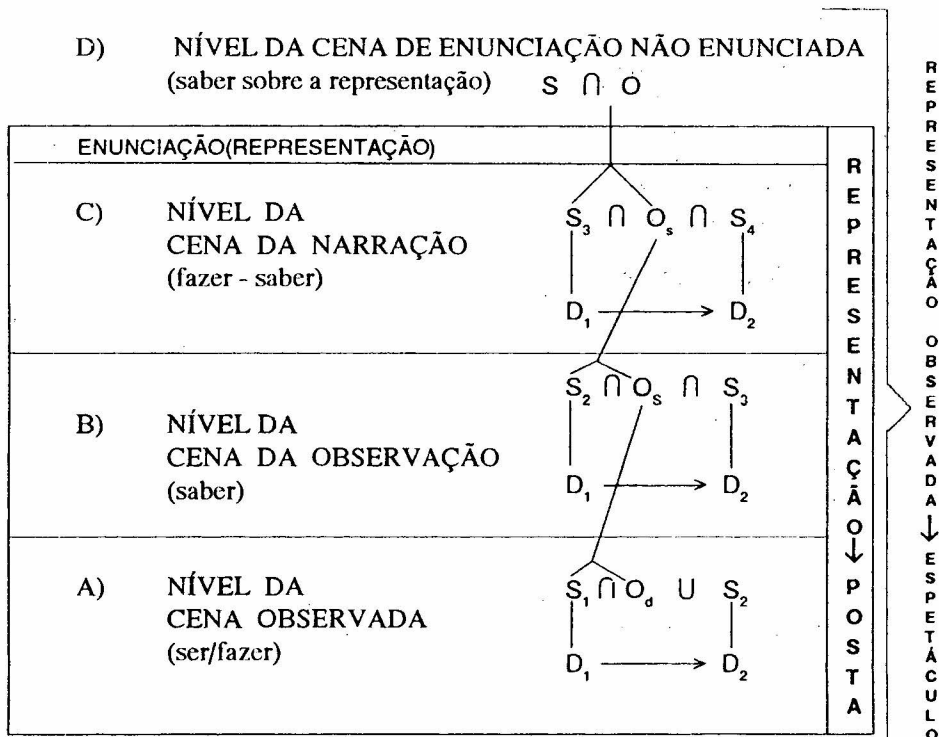
- a) a dimensão cognitiva de todo discurso deverá ser descrita em dois níveis complementares e necessários: o da produção e o da comunicação do saber;
- b) quanto às instâncias cognitivas, haverá pelo menos um sujeito encarregado da produção, um sujeito encarregado da transmissão e outro da recepção do saber, ainda que, a nível actorial, esses actantes sejam investidos num único ator, ou em vários atores, ou permaneçam implícitos na manifestação;
- c) não poderíamos fixar, exceto por uma abstração metodológica, apenas a função de *produzir* o saber para determinado actante, ou apenas a função de *comunicar* o saber para outro actante; basta lembrar que todo observador, para executar seu papel, deve *comunicar para si próprio* aquilo que observa (5), do mesmo modo que todo narrador deve *observar* um objeto para saber o que vai comunicar: a produção e a comunicação de um conhecimento são funções interdependentes, ativas simultaneamente em cada ato cognitivo.

## 5- Hierarquia dos níveis no modelo

Cabe, em seguida, indagar sobre o modo de articulação dos dois níveis cognitivos entre si. Sempre ressaltando o caráter puramente metodológico da distinção realizada, admitiremos que, assim como todo saber, para *produzir-se*, requer a existência de uma dimensão pragmática como referente, todo saber, para ser *comunicado* requer que se postule ter sido previamente produzido. Portanto, diremos que o nível da *comunicação* pressupõe o nível da *produção* do saber, que lhe é hierarquicamente inferior.

## 6- Esquema gráfico

Incluiremos as reflexões que realizamos no modelo esquemático produzido acima. Para tanto, preservando uma terminologia que, em essência, é predominantemente visual - cfe. *observador, ponto de vista, perspectiva*, etc. - lançaremos mão do conceito de *espetáculo*, já utilizado em semiótica, chamando os níveis do gráfico de *cenas*:



## 7. Parâmetros de definição das funções cognitivas

O modelo assim produzido visa a sistematizar as operações cognitivas que, articulando-se entre si, realizam o saber discursivo como uma *totalidade de sentido*, diferente da simples soma dos saberes parciais de que o enunciado se constrói. Trata-se, é evidente, de considerar que o trabalho enunciativo consiste, dentro desta perspectiva, na *contextualização* dos conhecimentos no interior de esferas cognitivas cada vez mais amplas.

### 7.1- Articulações contextuais

As funções exercidas pelas instâncias de cada nível podem ser comparadas com aquelas dos *três textos* produzidos pelas propriedades necessárias do discurso registradas por Lopes, em artigo publicado em outro número desta revista <sup>(7)</sup>:

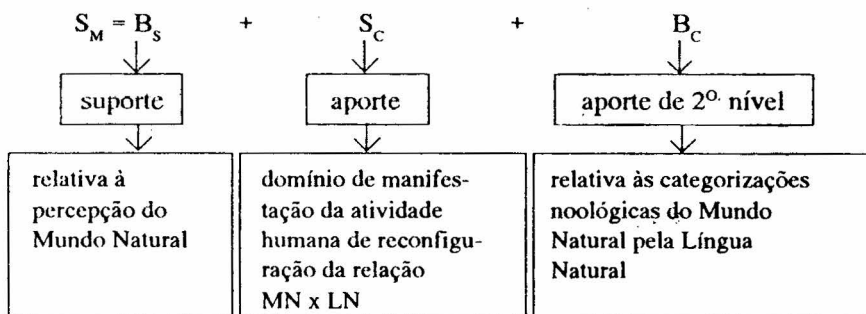
- a *fundação da realidade* a ser conhecida: função atribuível aos níveis da **Cena Observada** (quanto aos contextos postos e da **Cena da Enunciação Não Enunciada** (quanto aos *contextos pressupostos do discurso*);

- a *predicação* da realidade fundada: função desempenhada pelas instâncias do nível da **Cena da Observação**, que produziriam saberes locais e parciais sobre determinados objetos;

- a *interpretação dessa predicação*: função das instâncias do nível da **Cena da Narração**, incumbidas de coerentizar e dotar de sentido narratológico os saberes parciais que tem por objeto.

### 7.2- Aportes paradigmáticos e sintagmáticos

Tais propriedades podem ser, ainda aproximadas da definição das articulações sêmicas que constroem o *semema*, na concepção de Assis Silva <sup>(8)</sup>:



onde:

$S_M$  = semema;

$B_S$  = base sêmica, figura nuclear simples;

$S_C$  = semas contextuais;

$B_C$  = base classemática.

A comparação entre as características dos  $S_C$  e da  $B_C$  torna bem claro que, enquanto os primeiros são *dependentes* da figura nuclear simples, produzindo-lhe um contexto mínimo, de curto alcance, a segunda é *criadora de contextos* de amplo alcance, nos quais todos os contextos mínimos podem ser incluídos, construindo um *texto*. Dito de outro modo, os semas contextuais incluem a base sêmica no âmbito de um *paradigma figurativo*, cujas virtualidades são, por seu turno, submetidas a uma seleção com base nas coerções do *contexto sintagmático* em que deve ser “costurado”, produzindo uma isotopia de leitura. Analogamente, os níveis do modelo cognitivo realizam diferenciados aportes sobre os objetos de uma dimensão pragmática de suporte, de tal forma que podemos definir o seu funcionamento como segue:

- **Cena da Observação:** produção do saber por *contextualização paradigmática* do objeto;

- **Cena da Narração:** transmissão do saber por *contextualização sintagmática* do objeto.

O saber em trânsito no modelo pode ser textualizado em qualquer nível de seu percurso. Assim, podemos prever dois efeitos de sentido, segundo o nível cognitivo focalizado na textualização:

- textualização no nível da Cena da Observação = saber *conotado* (isto é, diversos saberes paradigmáticos simultaneamente sintagmatizados, apontando para diversas possibilidades combinatórias e leituras pluriisotópicas);

- textualização no nível da Cena da Narração = saber *denotado* (isto é, sintagmatização monoisotópica dos saberes produzidos, “costurados” narratologicamente por força de uma recategorização classemática) <sup>(9)</sup>.

## 8- O ponto de vista: focalização e perspectivização

Cada instância da dimensão cognitiva, costuma-se dizer, impõe um *ponto de vista* sobre os objetos a serem conhecidos. Sabe-se que um ponto de vista define-se como sendo, ao mesmo tempo, “uma decupagem e uma valorização”<sup>(10)</sup> do universo de referência, ou seja:

- uma *focalização*, processo que funda a realidade de que se vai falar e que funda, concomitantemente, aquele que vai falar dessa realidade, estabelecendo, portanto, a relação espectador/espetáculo; e

- uma *perspectivização*, processo de predicação/interpretação da realidade fundada.

Como vimos, os processos cognitivos podem ser descritos enquanto seleções e combinações de elementos paradigmáticos e sintagmáticos, os quais, a nível profundo, organizam-se a cada vez segundo uma *estrutura elementar* binária. Dissó podemos inferir que há sempre duas maneiras de atualização de qualquer relação entre termos, e somente duas: pela compreensão das diferenças que os distinguem ou pela compreensão das *identidades* que mantêm entre si. Se tomamos de empréstimo a Benveniste os conceitos de *forma* (a capacidade de uma unidade linguística de dissociar-se em constituintes de nível inferior) e de *sentido* (a capacidade de uma unidade linguística de integrar uma unidade de nível superior)<sup>(11)</sup>, concluímos, enfim, que o saber construído sobre um objeto qualquer pode ser entendido por um de dois modos:

- saber = forma do objeto;
- saber = sentido do objeto.

Entretanto, o conhecimento tem que ser atribuível a um sujeito, em sua relação com um objeto. Na dependência do saber construído, poder-se-á classificar a relação cognitiva como:

- *Perspectivização analítica*: o sujeito compreende o objeto pela sua *forma*;
- *Perspectivização sintética*: o sujeito compreende o objeto pelo seu *sentido*.

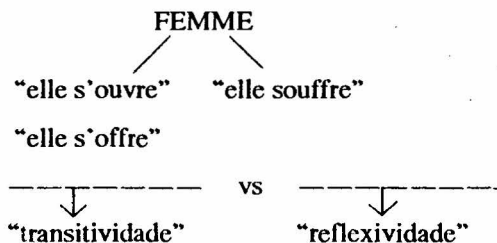


## 9- Verificação - relâmpago

Vejamos, por exemplo, o que ocorre com o seguinte poema de Décio Pignatari:

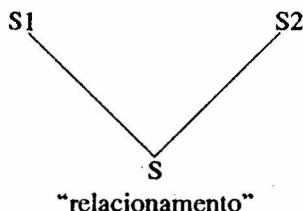
*"FEMME  
Elle s'ouvre  
elle s'offre  
elle souffre"*

- a) focalização: funda um objeto a ser conhecido ("*femme*") e um sujeito do conhecimento (que, no caso, permanece implícito);
- b) perspectivização:
  - no nível da Cena da Observação: o sujeito cognitivo observador produz, por *perspectivização analítica*, dois contextos paradigmáticos de integração do objeto:



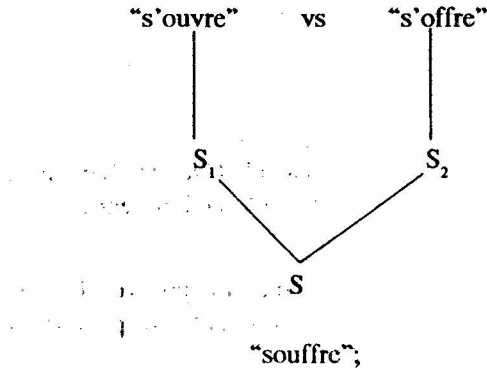
- no nível da Cena da Narração: o sujeito cognitivo narrador integra os saberes antagônicos produzidos no nível inferior, por um processo de *perspectivização sintética*:

"transitividade" vs "reflexividade"



Se analisamos o plano da expressão do poema, descrevemos um outro percurso cognitivo, em que há uma espécie de *inversão* de perspectiva:

- no nível da Cena da Observação, produz-se um saber sobre o sentido de dois termos-objeto, por *perspectivização sintética*:



- no nível da Cena da Narração, esse percurso é refeito, por *análise*, sendo compreendido como uma segunda isotopia de leitura do poema, que poderíamos traduzir aproximadamente como:

*"sofrer é a consequência inevitável de abrir-se e oferecer-se ao outro", ou mesmo:*

*"sofrer está contido em abrir-se e oferecer-se":*

*"souffre" ≈ "s'ouvre" + "s'offre".*

## 10- Resumo

Propomos, para visualização do conjunto, o seguinte gráfico:



## 11 - Ampliação do campo

O trabalho que expusemos em linhas gerais deveria enquadrar-se na esfera de pesquisas mais amplas sobre o saber e a dimensão cognitiva do discurso, tais como aquelas realizadas por Fontanille, em *Le savoir partagé*. Começando com a análise do «núcleo sêmico /saber/», ele desenvolve uma tipologia cognitiva onde distingue entre saberes “semióticos” e saberes “meta-semióticos” e, entre estes, saberes meta-semióticos “inferenciais” (“cujo conteúdo é o funcionamento do percurso gerativo da significação”) e saberes meta-semióticos “transversais” (que permitiriam a integração das diversas “ordens” de grandezas semióticas no interior de um mesmo nível do percurso gerativo)<sup>(12)</sup>. Tendo em vista uma tal tipologia, nosso modelo cognitivo deveria dar conta tanto da articulação de saberes propriamente “semióticos” (ver nível da Cena da Observação) quanto de saberes meta-semióticos de tipo *transversal* (os quais, em última análise, cuidariam da *integração* dos saberes semióticos no âmbito de uma isotopia cognitiva produzida na Cena da Narração). Restaria, finalmente, encontrar um lugar nesse modelo para a instalação dos saberes *inferenciais*, capazes de abri o caminho dos estudos sobre o problema da *conversão* entre os níveis do percurso gerativo.

### NOTAS

- 1- Ver **Teoria do discurso: fundamentos semióticos**, de Diana Luz Pessoa de Barros (1988), págs. 136 a 140.
- 2- Manar Hammad. “L’Énonciation: Procès et Système”, in: PARRET, org. (1983), págs. 35 a 46.
- 3- GREIMAS & COURTÈS (1983), pág. 52.
- 4- Temos um exemplo de particularização de um fenômeno universal da discursivização no seguinte trecho do **Dicionário de semiótica**, de Greimas e Courtès:

“Assim entendida, a definição de espetáculo compreende, do ponto de vista interno, características tais como presença de um espaço tridimensional fechado, distribuição proxêmica, etc., ao passo que, do ponto de vista externo, ela implica a presença de um actante observador (*com o que se excluem dessa definição as cerimônias, os rituais míticos, por exemplo, em que a presença de espectadores não é necessária*)” (GREIMAS & COURTÈS, *op. cit.*, pág. 452 - grifo nosso).

O equívoco de considerar como *facultativa* a existência de certas instâncias cognitivas *necessárias à mise en discours* parece-nos uma decorrência do modo assistemático como a dimensão do saber tem sido descrita.

- 5- O papel do sujeito observador é complexo: quanto à *performance*, caracteriza-se por uma estrutura temática reflexiva (subsumindo *destinador* e *destinatário* na construção do saber); quanto à *competência*, possui uma estrutura temática transitiva (isto é, ele é o delegado -- logo, o *destinatário* do sujeito enunciador, que lhe confere o poder-observar em seu nome ou em nome de seu grupo social).
- 6- Ao tempo em que não parece haver problema em instalar, como instância cognitivas da Cena da Narração, a dupla *narrador/narratário*, a natureza temática do saber produzido na Cena da Observação, com características simultaneamente reflexivas e transitivas (cfe. nota nº. 5), dificulta a aplicação do nome de *observador* à dupla de sujeitos aí posicionada: o sujeito  $S_3$  seria apenas um "desmembramento" de  $S_2$ , ou antes, a explicitação da *competência paradigmática* do observador  $S_2$ . Talvez a melhor alternativa seja conservar o nome de observador para  $S_2$  e adotar o nome de "*observatório*" para  $S_3$ , conforme sugestão do prof. Eduardo Peñuela Cañizal.
- 7- Edward Lopes. "*Articulações Contextuais do Discurso*". *Significação*. Araraquara, C.E.S., 1985, nº 5, págs. 15 a 33.
- 8- Ignácio Assis Silva. "*A Configuração Semântica do Texto*". *Revista de Cultura Vozes*, Vol. LXIX, nº 3, págs. 171 a 180; e "*A Construção do Ator: do Sínico ao Simbólico*". *Significação*, São Paulo, C.E.S., 1987, Nº 6, págs. 51 a 57.
- 9- Evidentemente, quando dizemos que a textualização do saber pode dar-se a partir da Cena da Observação, não se trata de escamotear o trabalho cognitivo da Cena da Narração; trata-se, ao contrário, da distinção entre dois diferentes *programas narrativos* a serem cumpridos pelos sujeitos cognitivos da própria Cena da Narração:

--  $PN_1$ : F (produzir saber conotado = textualização do saber ao nível da Observação);

-- PN<sub>2</sub>: F (produzir saber denotado = textualização do saber ao nível da Narração).

Ressaltemos que, no caso de realizar-se o PN<sub>1</sub>, a função classemática aparece como criadora de uma isotopia global que poderíamos expressar como "diversas isotopias de leitura são facultadas".

- 10- Greimas e Courtès (1986), pág. 171.
- 11- Émile Benveniste (1966), págs. 126 a 127.
- 12- Jacques Fontanille (1987), págs. 21 a 34 e 49 a 54.

## BIBLIOGRAFIA

- ASSIS SILVA, I. 1975. "*A Configuração Semântica do Texto*". *Revista de Cultura Vozes*, vol. LXIX, nº 3, págs. 171 a 180.
- \_\_\_\_\_. 1987. "*A Construção do Ator: do Sínico ao Simbólico*". *Significação*. São Paulo, C.E.S., nº 6, págs. 51 a 57.
- BARROS, D.L.P. de. 1988. *Teoria do discurso: fundamentos semióticos*. São Paulo, Atual.
- BENVENISTE, E. 1966. *Problèmes de linguistique générale*. Paris, Gallimard.
- FONTANILLE, J. 1987. *Le savoir partagé. Sémiotique et théorie de la connaissance chez Marcel Proust*. Paris-Amsterdam, Hadès-Benjamins.
- GREIMAS, A.J. & COURTÈS, J. 1983. *Dicionário de semiótica*. São Paulo, Cultrix.
- \_\_\_\_\_. 1986. *Sémiotique. Dictionnaire raisonné de la théorie du langage. II*. Paris, Hachette.
- HAMMAD, M. 1983. "*L'Énonciation: Procés et Système*", in: PARRET (org.). *La mise en discours*. *Revista Langages*, Paris, Didier-Larousse, nº 70, págs. 35 a 46.
- LOPES, E. 1985. "*Articulações Contextuais do Discurso*". *Significação*. Araraquara, C.E.S., nº 5, págs. 15 a 33.